

Título: Arquitectura vernácula

Sub título: A arquitectura feita por não arquitectos

A autenticidade da arquitectura vernácula não se refere unicamente a originalidade e genuinidade, e a forma criativa de gerar formas e volumes definindo espaços únicos mas é também de sublinhar a importância desta Arquitectura se afirmar pelo que é sem procurar ser outra coisa.

Também não será inoportuno referir actualmente o reconhecimento da arquitectura Vernácula como parte do património cultural que tem crescido nos últimos anos.

Existe grande interesse pela conservação e protecção da Arquitectura vernácula mas não podemos proteger sem entender quais são as qualidades que fazem destas construções despojadas e frágeis parte do património cultural.

6 pontos fundamentais para uma reflexão

Divulgar a arquitectura feita por não arquitectos reconhecendo nela como parte de um Património Cultural que se exige em conservar e proteger num passado de memórias despojadas e frágeis em risco.

Assumir trabalho desenvolvido no terreno perante uma indiferença generalizada das pessoas, e a preocupante escalada de interesses adversos e cúmplices de uns e de outros, sob pena de todos nós, *“destruirmos a nossa memória viva”*

Procurar uma contribuição para a cultura Patrimonial, estando certo que esta será uma oportunidade para incentivar e promover o reconhecimento público de intervenções que constituam peças significativas no enriquecimento do nosso Património Arquitectónico em risco.

Identificar o legado do Património Rural existente neste vasto território Nacional procurando sensibilizar sobre estes valores patrimoniais uma memória do nosso tempo em risco

Estimular a intervenção crítica com Arquitectos, Arqueólogos, Historiadores, Paisagistas (mas não só com eles) de um passado que procura hoje, uma identidade de um território, uma identidade feita de memórias diversas, sustentados numa paisagem que se encontra em risco.

Alertar para os perigos da destruição rural, à sombra de práticas e de políticas arbitrárias dos diferentes organismos de tutela.

Por tudo isso entendemos que o despertar das populações será um *desafio à nossa responsabilidade enquanto actores do mundo rural*, mostrando se

seremos ou não dignos da herança patrimonial que nos foi legada, e aquele que em todos os momentos está em construção.

Embora já muitas das antigas construções rurais tenham sido demolidas e substituídas ou adulteradas na sua expressão original, ainda é possível reconhecer na região do Médio Tejo a confluência de três matrizes construtivas distintas, reflectindo a transição entre as regiões das Beiras, do Ribatejo e do Alentejo, em tempo oportuno identificadas nesse trabalho de referência que foi o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, levado a cabo pelo então Sindicato Nacional dos Arquitectos entre 1955 e 1958, e vertido no livro *Arquitectura Popular Portuguesa*.

Das Beiras vem o largo emprego da pedra - granito ou xisto - travado este por cunhais de granito nas áreas de transição; as casas de planta rectangular, embora sem grande regularidade, dominando as de dois pisos, o primeiro destinado aos animais e às alaias, prolongado em «eidos» e quintais, e o segundo à habitação; as escadas exteriores, de pedra; (...) os telhados de telha solta de canudo, ou placas de xisto; a ausência de chaminés; e os interiores escuros e desconfortáveis, em geral com uma sala comum, onde se cozinha no chão, e algumas alcôvas diminutas e sem janelas, presentes em aldeias como a do Cerro do Outeiro no concelho de Mação.

Ou evidenciam nos seus edificios caracteres architectónicos de transição entre os da Beira e os da Estremadura. A tradição das alvenarias argamassadas em paredes é ali evidente, bem como a das caiações a protegê-las, a alinhá-las; as chaminés são já frequentes e vistosas, revelando no exterior cozinhas mais cuidadas e eficientes; e as escadas interiores ligam com frequência dois pisos destinados à habitação. As plantas das casas desenham-se com maior regularidade na sua geometria simples e cuida-se um pouco mais do conforto dos habitantes, cujas relações com os animais domésticos não são tão directas nem promíscuas. O jogo de volumes e a proporção geral das fachadas são mais definidos, e o enquadramento dos vãos, o assentamento dos beirais e outros aspectos de pormenor, mais cuidados, bem visíveis nas povoações da Cabeça das Mós e na sede do concelho do Sardoal e nas Mouriscas no concelho de Abrantes.

Podemos reconhecer Constância nesta descrição de alguns aglomerados do Ribatejo e Estremadura: *Quando o núcleo se fixa em elevações, as ruas ganham movimento e surgem as rampas e as escadas, aliadas a disposições engenhosas de valetas que permitem o rápido escoamento das enxurradas. As casas amontoam-se em perspectivas de presépio. Há nas soluções um recurso constante à linha curva, à superfície empenada ou aos socalcos que nascem espontaneamente pela necessidade de fazer concordar dois planos, ou vencer, servindo-se da própria rocha, um desnível e nele integrar a casa e o terreiro. As ruas enovelam-se ou quebram-se em pequenos troços, na necessidade de adaptação. O aglomerado ganha uma maleabilidade quase orgânica. A preciosidade do terreno impõe uma dimensão justa, de acordo com as exigências da escala humana. As ruas estreitas e tortuosas foram feitas para os peões ou para os animais. Os automóveis são intrusos.*

Na região de Torres Novas encontramos a construção em calcário de características brandas e compacto, o tufo. *A construção em tufo é rápida e duradoura. Enquanto os pedreiros, partindo os cunhais, vão colocando uma fiada, os serventes dispõem sobre ela e ao alto blocos que constituirão a seguinte. Os elementos são assentes com argamassa e os espaços entre eles preenchidos com pequenas pedras. Para vencer os vãos, os construtores da região servem-se de vergas, de tijolo ao alto, ou mais recentemente, de vigas de betão. Os paramentos são rebocados e caiados, e daí resulta que o tufo não imprime carácter especial à construção, embora se note nas soluções uma rigidez resultante da configuração dos blocos.*

É ainda de ressaltar a presença da construção em adobe ou em taipa, de um único piso, com telhado de duas águas e caiação policromada, bem patente na povoação do Pego, no concelho de Abrantes, já a sul do Rio Tejo, que também pela estrutura urbana já reflecte as características da arquitectura alentejana.

È nesta possibilidade de encontro de formas genuínas diversas com outras miscigenadas num pequeno território que reside a riqueza e originalidade da arquitectura popular desta região, e que urge identificar e salvaguardar, face à utilização indiscriminada e desatenta de novos processos de construção, quer a nível de materiais, quer tipológico e formal.

É nesta tentativa de mudar o “rumo”, que se deve procurar reafirmar a importância deste Património esquecido mas ainda presente na nossa vida que urge preservar salvaguardar e sensibilizar, como factos culturais fundamentais para a vida contemporânea e como uma mais valia para a qualidade de vida das nossas comunidades.

Ordem dos Arquitectos Núcleo do Médio Tejo

Rui Serrano. arq e Ricardo Cabrita, arq.